

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

ESTUDOS DA TRADUÇÃO

ARTIGO

TEORIZANDO A TRADUÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A NECESSIDADE DE UMA ABORDAGEM TEÓRICA*THEORIZING TRANSLATION: REFLECTIONS ON THE NEED FOR A THEORETICAL APPROACH*

LEONARDO SOBOLESWKI FLORES

Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Letras e Cultura pela Universidade de Caxias do Sul
E-mail: f.s.leonardo@outlook.com

RESUMO

O presente artigo explora a importância de uma base teórica sólida para o trabalho de tradução, tanto para iniciantes quanto para profissionais experientes. Desconsiderando a introdução, três capítulos dividem este artigo. Assim, em um primeiro momento é levantada a discussão sobre a falta de visibilidade dos tradutores técnicos por parte da academia; após são apresentadas as contribuições dessa para os tradutores, destacando como esses estudos podem ser melhor aproveitados por toda a classe; e, por último, argumentos de natureza Linguísticos são apresentados para reafirmar a importância de o tradutor conhecer os conceitos fundamentais que moldam essa disciplina de modo a ter isso refletido em seus trabalhos tradutórios. Percebe-se, assim, que uma abordagem teórica integrada pode facilitar a prática tradutória e melhorar o desenvolvimento e a percepção do tradutor em relação ao seu trabalho.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Teorias da Tradução. Prática tradutória.

ABSTRACT

This article explores the importance of a solid theoretical foundation for translation work, both for beginners and experienced professionals. Excluding the introduction, three chapters divide this article. Initially, the discussion focuses on the lack of visibility of technical translators within academia; following that, the contributions of academia to translators are presented, highlighting how these studies can be better utilized by the entire profession. Lastly, linguistically oriented arguments are presented to reaffirm the importance of translators being familiar with the fundamental concepts that shape this discipline, ensuring that such knowledge is reflected in their translation work. Thus, it is evident that an integrated theoretical approach might facilitate translation practice and improve the translator's development and perception of their own work.

Keywords: Translation Studies. Theories of Translation. Translation practice.

Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa desenvolvida como parte da minha dissertação de mestrado, mas que, por razões de alinhamento temático, acabou não sendo incluída na versão final do trabalho. No entanto, considerando a relevância das reflexões e análises realizadas, optei por publicar este estudo na forma de artigo, com o objetivo de compartilhar os resultados e promover o diálogo com outros pesquisadores interessados na temática.

O foco desta pesquisa está na tradução, com ênfase na necessidade de abordá-la não apenas como uma prática técnica, mas também a partir de uma perspectiva teórica que amplie sua compreensão e aplicação. Assim, convido meus pares a refletirem comigo sobre os aspectos teóricos que permeiam o campo da tradução e a considerarem sua importância para uma análise mais aprofundada e significativa.

Vale ressaltar que, como o estudo foi inicialmente planejado para integrar uma dissertação de maior abrangência, os exemplos utilizados para sustentar as discussões são bastante específicos. A dissertação original incluía uma análise comparativa entre diferentes traduções de *A Sociedade do Anel*, o primeiro volume da trilogia *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien. Por essa razão, grande parte dos exemplos apresentados neste artigo dialoga diretamente com essa obra ou se inspira nela. Embora específicos, acredito que esses exemplos contribuem para ilustrar de forma clara e prática as reflexões propostas, oferecendo uma base sólida para futuras discussões e investigações no campo dos estudos de tradução.

Tradutor teórico e técnico: Teoria para quem?

A Tradução só passa a ser uma disciplina acadêmica na metade do século XX. Por ser uma área relativamente nova, vários nomes já a definiram, porém, hoje é mais comum nos referirmos a ela como Estudos da Tradução. O termo foi cunhado por James Holmes, em 1972 e, como foi bem aceito pelos acadêmicos da época, seguimos usando até os dias atuais. O autor explica que muitos nomes foram cogitados, mas “a denominação ‘translation studies’ parece ser a mais adequada entre as disponíveis em inglês. Ao adotarmos esse termo como padrão para a disciplina, estaríamos sendo mais claros e precisos” (Holmes, 2000, p. 175, tradução minha)¹.

Neste artigo será analisado a tradução à luz das teorias. Para isso, partirei de duas importantes obras: *In Other Words*, de Mona Baker, e o diálogo entre Chesterman e Wagner², *Can Theory Help Translators?*. Como essa área de estudo é relativamente recente, várias teorias são construídas baseadas naquilo que os tradutores já vêm fazendo, visando facilitar a compreensão e trazer mais referências aos novos tradutores. É isso que o primeiro livro comentado se propõe a fazer, isto é, analisar, por meio da Linguística de Corpus (*corpus-based translation studies*)³, de maneira bastante

descritiva, as preocupações que um tradutor normalmente tem, com base naquilo que se apresenta nos principais *corpora* estudados⁴. O segundo livro foi escrito em forma de diálogo em que uma tradutora técnica e um professor de Estudos de Tradução discutem os benefícios de se estudar Tradução.

Antes de partir para o diálogo e as conclusões de Chesterman e Wagner, é importante diferenciar o papel do tradutor literário e dos outros tipos de tradutores, uma vez que, segundo Baker e Saldanha (2011), estes são esquecidos pelos acadêmicos. Isso parece não ter mudado, pois Fröhlich e Gonçalves, em uma publicação mais recente, vão afirmar que “o que se vê nas instituições de ensino superior em Estudos da Tradução no Brasil é a priorização de pesquisas voltadas à área literária, com pouca ênfase na área técnica, especializada” (2015, p. 105).

Mesmo que de forma tímida, atualmente, os Estudos da Tradução não se restringem a estudar apenas os tradutores literários; a disciplina abrange todas as vertentes, como a dublagem e legendagem, traduções técnicas etc. O tradutor não-literário tem sido denominado de várias maneiras ao longo dos anos. Segundo Baker e Saldanha (2011), Sager durante os anos de 1994 a 1998, utilizou a expressão *tradutor industrial*, enquanto Casagrande, em 1954, referiu-se a esse mesmo profissional como *tradutor pragmático*. Nesse mesmo livro, os autores também usam o termo *comercial translation*, isso faz com que o profissional também possa ser chamado de *tradutor comercial*.

O tradutor técnico é um profissional que, como vimos, trabalha com todo e qualquer tipo de texto que não os literários. Esses são traduzidos pelos tradutores literários. Agora resta saber: o que são textos literários. Para Britto, “o texto literário é aquele em que predomina essa função⁵, ou seja, aquele em que a ênfase recai no próprio texto, e não nos outros componentes da situação de comunicação” (2022, p. 59).

Para Britto, a função poética é o que define o texto literário. Essa função se concentra no próprio texto, em sua forma, estrutura, estilo e uso da linguagem. Isso significa que, ao escrever um texto literário, o autor se preocupa principalmente em criar uma obra que se destaque pela sua forma e pela estética. Para isso serão usados alguns recursos linguísticos, como a rima, a aliteração, a metáfora etc. Na mesma linha de pensamento está Eagleton, que afirma que um texto literário é “aquele *que* emprega a linguagem de forma peculiar [...] A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana” (2003, p. 02, grifo meu).

É por isso que “o tradutor literário não pode se limitar a traduzir o sentido geral do texto, [...] *ele deve* reproduzir também as características do estilo do autor”. (Britto, 2022, p. 69 e 70, grifos meus). Agora que conhecemos algumas características do texto literário, podemos conjecturar o papel do tradutor para esse tipo de texto. Ao fazermos isso, podemos entender melhor a necessidade de uma abordagem teórica.

O profissional que traduz um texto literário precisa, ao mesmo tempo, transmitir a essência da obra original para outra língua, mantendo a qualidade literária do texto. Ou seja, o tradutor precisa perceber o estilo e o tom do autor para fazer isso de forma satisfatória. O tradutor técnico vai enfrentar um tipo de dificuldade, enquanto o literário, outro. São trabalhos completamente diferentes, mas, evidentemente, há similaridades. Seria como comparar cozinheiros com especializações distintas: um *Chef pâtissier* é especializado em doces e sobremesas, já o *Chef saucier* é quem prepara os molhos e as guarnições. Por mais que exerçam funções distintas, ambos têm conhecimentos técnicos de culinária. No caso dos tradutores, ambos precisam transferir o significado do texto original para outra língua, mas o literário precisa atentar-se ao estilo, ao ritmo e à sonoridade.

No entanto, como muitas das técnicas são desenvolvidas para os literários, é esperado que os técnicos se questionem sobre a relevância de se manterem atualizados sobre as novas descobertas ou ainda discutirem a importância da disciplina como um todo, e é aqui que entra Wagner (2010). Ela vai nos proporcionar uma importante discussão: afinal, por que nos importar com os Estudos da Tradução?

Para começar esta discussão, vejamos as frases com as quais Wagner abre seu livro – aquele mesmo diálogo comentado mais cedo, em que ela escreve com Chesterman –, após isso, farei uma breve ponderação e, evidentemente, exporei a resposta do coautor. Segundo a tradutora, a maioria dos tradutores técnicos ignoram ou mesmo rechaçam as ideias propostas por acadêmicos, uma vez que

Mensagens vindas da torre de marfim, geralmente, não penetram a superfície [...] Há cerca de uma década, Lars (1990: 148), tradutor técnico na Alemanha, escreveu um artigo sobre a irrelevância dos estudos de tradução. O que mudou de lá para cá? (Chesterman e Wagner, 2010, p. 01, tradução minha)⁶.

O artigo que ela cita discorre sobre os (poucos) resultados que agradaram o público não-acadêmico. A autora, inclusive, sugere que os pesquisadores reavaliem suas pesquisas para incluir as necessidades reais dos tradutores não-literários. Sobre a pergunta de Wagner, é possível afirmar que houve mudanças nas pesquisas mais recentes. Um exemplo disso são os trabalhos de Mona Baker, autora que já foi mencionada e que, futuramente, voltará a contribuir nesta discussão.

As respostas de Chesterman deixam claro seu lado menos pragmático e mais teórico, ainda que ele entenda que a premissa principal das teorias de traduções deveria ser ajudar os tradutores. A partir da pergunta inicial de Wagner, ele levanta outros questionamentos:

A musicologia deve ajudar músicos ou compositores a tornarem-se melhores músicos ou compositores? A teoria literária deve ajudar os escritores e poetas a escrever melhor? [...] As teorias da mecânica e

da cibernética devem ajudar os engenheiros e os cientistas informáticos a produzir melhores robôs? [...] Eu estou mais inclinado a responder, sim, à última do que às outras (Chesterman e Wagner, 2011, p. 02, tradução minha)⁷.

Pode-se interpretar, pela resposta do autor, que as teorias voltadas aos campos das artes, incluindo os Estudos da Tradução, existem para que os acadêmicos entendam em profundidade aquilo que os artistas, também incluindo os tradutores, vem produzindo ao longo dos séculos.

Isso pode ser uma verdade. Por estarmos lidando com uma área mais abstrata e pouco profissionalizada, muitos tradutores possivelmente terão visões diferentes sobre o assunto: alguns vão usar as teorias a seu favor, outros vão se introduzir no mercado de um modo mais autodidata, e, possivelmente, terão estilos completamente diferentes. No entanto, ainda que isso possa ser uma verdade, há outras, uma delas sendo mencionada anteriormente: a teoria que estuda a tradução a partir de análise de *corpus*, teoria que partiu de Laviosa (2002), mas que foi difundida, e de fato aplicada, a partir das obras de Mona Baker. O professor, mesmo que não cite essas autoras, comenta sobre os vários conceitos que existem hoje⁸, e como eles são frutos de pesquisas feitas com base nas traduções existentes.

Para insistir na ideia de que os tradutores não-literários pouco se interessam por aquilo que é (ou está sendo) estudado, Wagner confronta Chesterman novamente e, em um tom jocoso, faz outra provocação:

Os teóricos da tradução sequer cunharam uma linguagem compreensível na qual podemos falar sobre tradução. Ao menos temos duas palavras, **tradução e interpretação**, para se referir às atividades de traduzir a palavra escrita e interpretar a palavra falada (Chesterman e Wagner, 2010, p. 05, tradução minha, grifos da autora)⁹.

A resposta de Chesterman sugere que as teorias servem de apoio a tradutores (iniciantes ou não) que, por ventura, sintam-se inseguros em relação a determinado tipo de trabalho. As teorias os ajudariam a entender o que há no mercado em relação às mais diversas áreas e como os tradutores antigos ou pioneiros ‘pavimentaram’ essas áreas, isto é, perceber quais métodos, estratégias, terminologias etc., foram adotadas – e que agora são classificadas por um termo. Nas palavras do autor:

Uma das melhores contribuições que os teóricos da Tradução pode fornecer para os tradutores profissionais é demonstrar, a partir de estudos, as relações entre diferentes decisões ou estratégias de tradução e os efeitos que tais decisões ou estratégias têm sobre clientes e leitores e culturas, tanto no passado quanto no presente, sob determinadas condições (Chesterman e Wagner, 2010, p. 05, tradução minha)¹⁰.

Voltando à ponderação de Wagner, mais especificamente na parte em que é debatida a adoção de uma “linguagem compreensível”, podemos afirmar que, sim, atualmente existem vários termos utilizados para que os tradutores se refiram a um mesmo conceito de forma inteligível. Ainda assim, vale destacar outra possível resposta a Wagner no que diz respeito às contribuições que as teorias fornecem aos tradutores profissionais. Porém, para fortalecer essa resposta, falemos antes sobre as traduções técnicas, que são, possivelmente, as mais requisitadas no mercado de trabalho, e, segundo Wagner (2010) as que menos usufruem das teorias.

Desde a década de 30 do século passado, pesquisadores investigam as possibilidades de definir termos comuns para algumas áreas. O primeiro grande passo nessa linha investigativa foi dado por Eugen Wuster, criador da TGT (Teoria Geral da Terminologia). Um dos principais pilares da TGT é a padronização de termos. Ainda segundo essa teoria, um termo precisa ser unívoco (ou seja, uma comunicação sem ambiguidades, precisa e inequívoca) e monovalente (ou seja, um termo só pode ter um significado, não podendo haver variações polissêmicas e sinonímicas).

A TGT desempenhou um papel significativo devido às suas contribuições. Entretanto, com o passar dos anos os estudos foram sendo aprimorados e alguns pontos das teorias wusterianas foram contestados por não considerarem os aspectos comunicativos de uma língua. Assim, a TGT pode ser considerada ultrapassada por não tratar de uma língua real, mas sim de uma língua idealizada para servir a propósitos normalizadores inexecutáveis no mundo real.

Mesmo assim, em alguns casos é indispensável que os tradutores usem um termo padronizado; do contrário, haveria interferências na comunicação, e é isso que conseguimos aproveitar dessa antiga teoria que foi de muita valia para sua época. Para fins de curiosidade, os termos padronizados comentados são, muitas vezes, fornecidos pelo cliente que contrata os serviços de um tradutor, por meio de uma *term base*¹¹, que, posteriormente, são utilizadas nas mais diversas CAT tools¹², ou por meio de sugestões, ou indicações de dicionários/glossários de termos técnicos da área a ser traduzida, etc.

Assim, pode-se afirmar que algumas práticas e descobertas teóricas foram sim introduzidas na área mercadológica da tradução, como a criação de glossários, para universalizar um termo, como visto no parágrafo anterior. Em outro momento neste artigo, também vimos que pesquisas feitas a partir de estudos de *corpus* linguístico também servem como guia para novos tradutores. O que não vimos é, quais métodos, estratégias e teorias exatamente foram adotados por tradutores técnicos? A resposta para essa pergunta será debatida na seção a seguir.

Diálogos entre a torre de marfim e a superfície

São várias as contribuições que os teóricos afirmam ter proporcionado aos tradutores profissionais. Nesta seção, serão

apresentadas as contribuições destacadas por Chesterman e Baker – os mesmos pesquisadores previamente apresentados – respectivamente.

No capítulo quinto de *Can Theory Help Translators?*, Chesterman (2010) resume o trabalho de tradução como uma forma de solucionar problemas. Para ele, existem três tipos de problemas: problema de pesquisa, problema de bloqueio e problema de texto e, consequentemente, três formas para resolver: estratégias de busca, estratégias de criatividade e estratégias textuais. Para superar o primeiro problema, por exemplo, usam-se estratégias em que o tradutor se apropria de um tópico, seja para conhecimento geral ou para identificar se há algum termo padronizado para traduzir determinada palavra.

Em se tratando de textos técnicos, é possível que o tradutor se depare com mais de uma opção de termo durante o processo tradutório, e a pergunta que fica é, qual usar? Para melhor elucidar esse tema, proponho a seguinte situação: ao traduzir um manual de montagem de motores, o tradutor se depara com o seguinte termo em inglês: *crankshaft*. Esse único termo, nos dicionários e nos tradutores *online*, é traduzido nas mais diversas formas: *cambota*, *veio de manivelas*, *virabrequim*, *girabrequim*, *eixo de manivelas* ou *árvore de manivelas*. Como saber qual usar no contexto dado? A resposta pode variar. Chesterman não explica em detalhes, mas afirma que será preciso “encontrar e usar dicionários, textos paralelos e bancos de termos” (Chesterman e Wagner, 2010, p. 57, tradução minha)¹³. A sugestão de analisar textos paralelos parece uma opção razoável, pois, quando o tradutor entende com qual termo o público-alvo está habituado, a escolha fica mais fácil. Para esse caso, o texto paralelo seria o manual de outro motor que também é composto por esse componente.

O segundo tópico fala sobre os problemas de bloqueio, isto é, aqueles momentos em que o tradutor não consegue produzir muito, especialmente quando se trata de textos que exigem uma criatividade maior, como a tradução de músicas ou poesias, ou mesmo textos com marcações culturais muito fortes, que exigem que o tradutor modifique significativamente e, ao mesmo tempo, mantenha o valor semântico e os traços culturais presentes no original. Para essas situações, o autor sugere buscar inspirações em outros lugares. O último problema que o autor aborda conversa bastante com o segundo, mas, ao invés de propor uma jornada criativa, aqui ele prefere focar em casos mais específicos, por exemplo, “como traduzir metáforas, dialetos, alusões, inversões, perguntas retóricas; quando usar estrangeirismos, notas de rodapé, neologismos?” (Chesterman e Wagner, 2010, p. 58, tradução minha)¹⁴.

Entre respostas, réplicas e outros questionamentos, Chesterman (2010) decide listar algumas estratégias textuais. Aqui o autor volta a separar em grupos, isto é, dentro das estratégias textuais haverá aquelas de natureza sintática, semântica e pragmática.

Dentre as de natureza sintática, destaco as seguintes estratégias: tradução literal, empréstimo ou calque, transposição, alteração na estrutura da frase e alteração na coesão. Dentre as de natureza semântica, destaco as seguintes: sinônimos, antônimos, hiperônimos, alteração da ênfase e paráfrase. Por último, dentre as estratégias pragmáticas, destaco as estratégias de filtro cultural, alteração na explicação ou implicação e alteração da natureza do discurso¹⁵.

Contudo, ainda preciso falar sobre outras contribuições que os Estudos da Tradução proporcionaram aos tradutores profissionais. Para isso, como adiantado no início desta seção, veremos um pouco das descobertas de Mona Baker.

Mona Baker, em *In Other Words*, explica, de maneira bastante descritiva, como a Linguística de Corpus descreve a língua como ela é usada, sem criar ou se preocupar com regras e acordos. Na obra referida, a autora observa o comportamento e os padrões empregados por tradutores profissionais ao traduzir seus textos, e o que eles levam em consideração para que esses cheguem de forma satisfatória e qualificada ao consumidor final (não só leitor, porque ela também trabalha com textos intersemióticos). Esse tipo de estudo começa a ser feito após a virada cultural¹⁶, desde então, as pesquisas passaram a focar mais no processo de tradução e no comportamento do tradutor, e se afastar daquele julgamento de certo ou errado, ou tradução boa ou ruim.

A diferença entre os dois pesquisadores, Chesterman e Baker, é que, enquanto o primeiro deixa implícito que os teóricos inventaram as estratégias e os profissionais as seguem ou obedecem em parte, a segunda faz o inverso: a partir da análise de textos já traduzidos, ela classifica as ocorrências mais frequentes (de padrões ou comportamentos) de forma, também, a ajudar novos tradutores que estão entrando no ramo. Nos próximos parágrafos veremos algumas das contribuições de Baker para os (novos) tradutores.

Dos achados de Baker (2001), destaco algumas estratégias utilizadas por tradutores profissionais ao traduzirem itens lexicais de uma língua ou cultura para outra. Ressalto ainda que os exemplos usados são os mesmos que a autora usa para corroborar suas classificações, que podem ser encontrados na seção 2.3.2.2 *Strategies use by professional translators*, em seu livro. A autora divide as estratégias em itens, sendo eles¹⁷:

a) Hiperônimos (ou uso de palavras menos específicas)

Para exemplificar, a autora usa uma propaganda do Shampoo da Wella. O texto de partida segue conforme a seguir: “Shampoo the hair with a mild WELLA-SHAMPOO and lightly towel dry”. Quando o texto foi traduzido para o espanhol, o tradutor (a) usou palavras mais gerais, conforme notamos a seguir: “Lavar el cabello con un champo suave de WELLA y frotar ligeramente con una toalla”. No original, a palavra *shampoo* é um verbo e, tal qual no português, em espanhol essa palavra é usada como um substantivo, por isso a explicação de que o consumidor deve “lavar o cabelo com um shampoo suave”.

b) Uso de palavras neutras/menos expressivas

Neste caso, a autora nota a tendência dos tradutores em usar palavras menos expressivas. Um exemplo disso está no panfleto da Morgan Matroc, empresa de cerâmica. O texto de partida segue:

Today people are aware that modern ceramic materials offer unrivalled properties for many of our most demanding industrial applications. So is this brochure necessary; isn't the ceramic market already over-bombarded with technical literature; why would Matroc add more? Because someone *mumbles*, 'Our competitors do it.' But why should we imitate our competitors when Matroc probably supplies a greater range of ceramic materials for more applications than any other manufacturer (Baker, 2001, p. 28, grifo da autora).

A palavra menos expressiva desse panfleto está na frase: “because someone mumbles: Our competitors do it”. Em italiano, a frase foi traduzida para “Qualcuno suggerisce: i nostri concorrenti lo fanno”. Há uma perda de expressividade da palavra *mumbles*, que pode ser traduzida para português como alguém resmungou/choramingou/reclamou, que passa a ser *suggerisce*, ou alguém sugeriu, palavra essa que não carrega uma conotação negativa como a original.

c) Substituição cultural

Para explicar a terceira estratégia, substituição cultural, a autora traz um anúncio do restaurante que a Patrick Collection, museu de carros antigos em Birmingham, Inglaterra, tem dentro do seu complexo: “The Patrick Collection has restaurant facilities to suit every taste – from the discerning gourmet, to the Cream Tea expert”. O texto de chegada, em italiano, segue: “... di soddisfare tutti i gusti: da quelli del gastronomo exigente a quelli dell'esperto di pasticceria”. Nota-se a mudança de *Cream Tea* para *pasticceria*. Isso se dá porque o *cream tea*, ou chá de creme, em uma tradução livre, é uma refeição típica da Inglaterra, e uma tradução literal pode não ser entendida quando recebida pelo público-alvo.

d) Uso de empréstimos

A estratégia de usar empréstimos linguísticos é bastante autoexplicativo. Isso acontece quando o tradutor opta por usar a mesma palavra do texto original, seja por ser uma palavra já dispersa na língua de chegada, seja pela proximidade de culturas entre as línguas, ou por qualquer outro motivo que faça com que o autor pense que aquela palavra em específico possa ser entendida em ambas as línguas.

A autora trouxe o mesmo exemplo usado para explicar a estratégia ‘c’, mas, desta vez, analisando a tradução para o alemão: “... vom anspruchsvollen Feinschmecker bis zum ‘Cream-Tea’ – Experten”.

Para não estender ainda mais as contribuições de Baker, apenas mencionarei os dois últimos tópicos avaliados

por ela: “o uso de paráfrase com palavra relacionada” e a “omissão” como forma de simplificar ou reduzir alguma informação muito detalhada. Também cabe lembrar que os exemplos dados para cada um desses dois itens foram também extraídos da propaganda do restaurante da Patrick Collection, isto é, é possível identificar várias estratégias em um mesmo texto, desde que o tradutor seja competente o suficiente para entender as nuances das duas línguas e perceba que alterações precisam ser feitas.

Além de evidenciar que os tradutores, mesmo que de forma espontânea ou involuntária, usam estratégias parecidas – o que faria sentido categorizar e estudar cada estratégia em detalhe – Baker faz outro achado: o texto traduzido possui várias características únicas. É o que ela chama de *universais da tradução*, ou *universal of translations*, em inglês. São quatro características que compõem esses *universais da tradução*: explicitação, implicação, normalização e estabilização. Nas palavras da autora, os textos traduzidos são “mais explícitos, usam gramática e léxico mais convencionais e são, de alguma forma, mais simples do que os textos originais ou outros textos da língua-alvo” (Baker e Saldanha, 2011, p. 61, tradução minha)¹⁸.

Assim como as estratégias traçadas por Baker, os *universais da tradução* também têm a função de auxiliar os tradutores profissionais. Como dito no parágrafo anterior, os *universais da tradução* são divididos em quatro grupos. Falemos sobre o primeiro: explicitação. Ao analisar vários *corpora*, a autora percebeu que os tradutores tendem a tornar explícitas informações que estavam implícitas no texto de partida (muitas vezes usando de recursos como, *isto é*, *quer dizer*, ou *seja*, para explicar alguma frase ou palavra que, possivelmente, não seria compreendida em sua totalidade no texto de chegada). Isso ocorre porque o ‘consumidor’ de um texto de partida, por estar mais acostumado com aquele tipo de linguagem, não precisa de nenhuma informação adicional.

Para ajudar na visualização, ponderemos a seguinte situação: um tradutor precisa traduzir um texto sobre doações para o Fundo Amazônia e o repasse de parte desse financiamento ao Ibama. O leitor brasileiro (do texto de partida) muito provavelmente já conhece o instituto, mas o leitor do texto de chegada, por não saber do que se trata, precisaria de algumas informações adicionais para entender as atribuições dessa instituição para compreender o porquê de se investir nela. Para abordar este problema o tradutor tem várias opções: omitir o nome da instituição, usar uma nota de rodapé para explicar ao leitor, usar daqueles artifícios anteriormente comentados, como o, *isto é*, ou, *ou seja*, dentre várias outras opções.

Em suma, podemos afirmar que as suas estratégias, embora não sejam unanimemente bem-aceitas pelos acadêmicos e/ou tradutores profissionais, são essencialmente válidas devido à boa argumentação e apresentação de exemplos e ideias coesas.

Exponho essas estratégias aqui para demonstrar ao leitor que há espaço para teorizar neste universo da tradução, incluindo o campo das teorias não-literárias, o que, para muitos, pode soar como absurdo.

Reflexão sobre a teorização da tradução

O tradutor é, acima de tudo, um mediador de escolhas. Desde a reformulação de uma frase até a seleção do gênero gramatical mais adequado a um determinado contexto, suas decisões influenciam profundamente a experiência do leitor. Ao analisar alguns casos em *A Sociedade do Anel*, percebe-se que os objetivos das traduções podem variar significativamente.

Enquanto uma das traduções adota uma abordagem mais simplificada, possivelmente com o objetivo de tornar a obra mais acessível ao público, a outra busca maior fidelidade ao texto original. Essa última opção, no entanto, frequentemente exige maior esforço do leitor, seja pela necessidade de recorrer a outras fontes para compreender palavras específicas, seja pela dificuldade em acompanhar trechos onde há inversões na ordem natural das palavras, características que são comuns na obra de Tolkien. Essas escolhas revelam não apenas as diferentes estratégias tradutórias, mas também os desafios inerentes à tradução de textos complexos e culturalmente ricos.

Ressalto que, a depender do público-alvo, da função textual, do estilo de texto pretendido, da época de publicação, do tom da linguagem etc., o texto penderá mais para algum dos dois lados, ou será *domesticador*, ou *estrangeirizador*, mesmo que o tradutor não perceba isso em um primeiro momento. Assim, assumindo que traduções que partem de estratégias diferentes apresentam diferentes efeitos em seus textos, dedico o restante desta seção e, por consequência, deste artigo, para discutir a relevância de se estudar Tradução.

Esteves, responsável pela primeira tradução de *O Senhor dos Anéis* no Brasil (doravante utilizarei T1 para me referir a essa obra, e T2, para me referir à tradução de Kymse), tem qualificação na área das Letras. É presumível, portanto, que sua formação acadêmica tenha ajudado na maneira como ela enfrenta os problemas tradutórios, pois ela se mostrou conhecedora da natureza sistêmica das línguas e da intradutibilidade dessas¹⁹.

Embora a Tradução não venha acompanhando Kymse desde o início de sua trajetória profissional, a partir da leitura de seus textos traduzidos fica evidenciado um denso conhecimento dos Estudos e um respeito profundo tanto com as línguas quanto com a literatura de Tolkien.

A proposta inicial desta questão foi pensada para validar a minha pesquisa de dissertação como um todo. Ora, se há ainda muitos questionamentos sobre a importância dos Estudos da Tradução como disciplina, por que devemos continuar estudando? Os resultados aqui podem parecer parcial ou tendencioso, uma vez que estou trabalhando

com textos de dois excelentes tradutores e que detêm conhecimento na área. Uma resposta mais precisa poderia ser alcançada caso alguém analisasse comparativamente dois textos traduzidos: um sendo feito por um tradutor profissional ou um entusiasta de tradução pouco conhecedor das estratégias de tradução (sejam elas quais forem), e o outro sendo feito por alguém mais estudioso. Inclusive, fica aqui registrado meu incentivo e encorajamento para que esse trabalho seja feito.

De qualquer forma, mesmo parecendo tendencioso, gostaria de comentar um pouco sobre a importância dessa disciplina nos parágrafos seguintes, com base no que foi observado nos textos analisados.

Podemos partir de uma premissa em que consideramos importante entendermos o contexto da tradução antes mesmo de começarmos a executá-la, pois é consenso para tradutores técnicos e teóricos que isso deve ser pensado²⁰. Ao imaginar a persona que estará lendo, muitos problemas tradutórios podem ser resolvidos ou abordados mais facilmente. Trago um exemplo comentado durante a análise: *Tipsy*, adjetivo usado em um poema de *A Sociedade do Anel*, foi traduzido para *alcoólico* e *ébrio*. Ao estabelecer que o público-leitor da T1 seria mais amplo, é preferível usar uma palavra mais comum e facilmente compreendida; o contrário vale para a T2, por querer preservar a fidelidade do original, embora isso possa comprometer a acessibilidade, um termo menos frequente no vocabulário brasileiro foi escolhido.

Essas escolhas tradutórias conferem identidade ao texto e, possivelmente, impactará na experiência do leitor. Se considerarmos que as obras de Tolkien são *best-sellers* e muito populares entre os leitores mais jovens, que ainda não desenvolveram um vocabulário mais extenso e rebuscado, imagina-se certa dificuldade em ler a T2, por exemplo.

Quero voltar a outro tema comentado: não existem sinônimos perfeitos. Se a pouco eu disse que a escolha entre *alcoólatra* e *ébrio* impactam na leitura do leitor, é natural que eu pense que sinônimos não podem ser definidos como algo equivalente. Esse debate não é recente, vamos ver isso ser explorado, por exemplo, no CLG, de Saussure, durante a fala sobre a arbitrariedade das línguas.

Nesse respeito, Flores afirma que “as diferenças entre as línguas e a existência de línguas diferentes evidenciam a ausência de motivação do elo que une significante e significado” (2021, p. 121). Isso significa que o tradutor deve traduzir um valor arbitrário por outro e isso pode ser conflituoso, pois a má escolha de um termo pode gerar dúvidas e confusões ao leitor do texto traduzido.

Estes signos únicos são tanto termos técnicos de uma área específica, ou termos que uma comunidade linguística em específico usa. E isso está presente na nossa linguagem do dia a dia, e é justamente por estar em todos os lugares que dificulta o trabalho de um tradutor. Como traduzir símbolos tradicionais gaúchos para outra língua, por exemplo? O que são bombachas? O que é chimarrão? Esses termos nem

sempre poderão ser traduzidos para uma palavra apenas. Jakobson vai dizer que “será necessário recorrer a toda uma série de signos linguísticos se se quiser fazer compreender uma palavra nova (1970, p. 64)”.

Ainda a respeito dos valores linguísticos, Saussure (2007) compara a diferença do valor em línguas diferentes. Para o autor, uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma ideia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra palavra²¹.

Outro fator a ter em mente, relativo ao modo como as línguas são faladas, está nas relações sintagmáticas, ou “relações baseadas no caráter linear da língua” (Saussure, 2007, p. 142). A língua é formada por elementos que se sucedem um após outro, linearmente. Essa relação entre os elementos que se sucedem são chamados de sintagmas, ou seja, as combinações existentes dentro de um contexto discursivo²².

Isso pode tanto valer para uma única palavra quanto para uma frase mais elaborada e complexa. No caso de uma palavra, analisando o próprio exemplo usado no CLG, temos a palavra *re-ler*. *Re-ler* é um sintagma porque o prefixo *re* e o verbo *ler* se sucedem, formando, assim, duas unidades consecutivas que, quando postas nessa ordem em específico, ganham um valor. Flores avalia essa questão ao afirmar que “em qualquer língua o valor de um elemento depende do que o rodeia” (2021, p. 43). Em suma, o termo adquire valor pela oposição ao seu antecessor e ao seu sucessor²³.

Assim, é importante que o tradutor saiba que o valor de uma palavra pode ser perdido ou alterado caso haja um preciosismo ao traduzir a ordem de elementos que aparecem em uma oração. Isso pode parecer óbvio, mas é comum que esse tipo de tradução aconteça em duas situações: 1. Um tradutor iniciante quer mostrar que todo o texto está sendo traduzido; 2. Um tradutor-estrangeirizador acaba prezando demais pela forma, em detrimento da compreensão.

Dei essa longa volta, e trouxe esses outros autores, para corroborar aquilo que entendi após o término da análise feita em minha pesquisa de Mestrado: para traduzir um texto de maneira satisfatória é necessário, para além de dominar o par de línguas trabalhado, ter um conhecimento mais amplo sobre língua(gem), evitando, assim, que o tradutor não incorra no erro de trair a sua língua a partir de uma tradutibilidade impossível.

Sobre o tema tradutibilidade, reforço que *tudo* pode ser traduzido. Contudo a tradução não deve se manter *literal*²⁴, mas *transposta*, isto é, o que era um termo no original passa a ser dois, três, uma frase; o que era um substantivo passa a ser um verbo ou adjetivo, e assim por diante.

O brasileiro cresceu e fixou em sua mente que o português é a única língua que consegue expressar o sentimento de saudade. Podemos, então, concluir que é impossível falar ‘tenho saudade dos meus pais’ em outras línguas? Evidentemente que não. Mas a classe gramatical pode sofrer mudanças; no inglês, por exemplo, essa mesma frase ficaria: *I miss my parents*.

Podem ainda contestar essa afirmação alegando que *saudade* é uma expressão mais ampla, não significando apenas o sentimento de ausência/falta, como no exemplo acima, mas de distância, nostalgia, melancolia, anseio. Mas isso jamais foi negado. Contudo, é esperado que um bom tradutor conheça a natureza polissêmica das palavras, sejam essas portuguesas ou inglesas, e traduza conforme o contexto. Uma palavra não significa nada sem um contexto²⁵.

Assim, acredito ser indispensável que os tradutores conheçam minimamente sobre esses temas, seja por Saussure, fonte principal comentada há pouco – ao falar sobre as línguas serem diferentes por terem signos linguísticos diferentes ou ao falar sobre a natureza intradutível das línguas causada pelo valor linguístico –, ou seja por autores contemporâneos, como foi o caso de Flores (2021), que também trouxe a pouco.

Finalizo lembrando que nem o signo, nem o significado, nem o significante, representam uma palavra. Assim, imaginar que uma tradução se resume a trocas de palavras de uma língua para outra, seria uma ingenuidade. Ao traduzir, buscamos equivalências, ou seja, se um conceito bem definido em uma língua não existe na outra, buscar elementos para que a mensagem seja transferida sem que muito da carga semântica seja perdida. Isso parece acontecer em ambas traduções, embora a T2 almeje uma proximidade maior – concessões são feitas para que o significado prevaleça, não a forma.

Considerações Finais

Tanto na minha dissertação de Mestrado, que deu origem a este artigo, quanto neste texto, busquei evidenciar que uma leitura atenta e fundamentada pode contribuir para o desenvolvimento acadêmico e o crescimento profissional de aspirantes a tradutores e tradutores iniciantes. Além disso, ressaltar como discussões de natureza linguística podem não apenas enriquecer o trabalho tradutório, mas também ser parte integrante dele, funcionando como ferramentas para a tomada de decisões estratégicas.

Ao longo deste estudo, recorri a autores consagrados como Saussure, considerado o pai da Linguística, para fundamentar as reflexões e ampliar a compreensão sobre a relação intrínseca entre língua, linguagem e tradução. Entretanto, poderia também ter recorrido a uma extensa lista de estudos que abordam as intersecções entre os Estudos da Tradução e outras subáreas da Linguística, como os Estudos do Texto, a Linguística de Corpus e a Semântica Cognitiva, que oferecem perspectivas enriquecedoras para o campo tradutório.

Os achados discutidos na dissertação e os recortes apresentados neste artigo demonstram de forma clara que o conhecimento teórico é uma ferramenta valiosa para os tradutores, permitindo-lhes moldar os efeitos de sentido de maneira consciente e eficaz. Em particular, as estratégias de domesticação e estrangeirização propostas por Lawrence Venuti

em *The Translator's Invisibility* mostram-se fundamentais para orientar decisões tradutórias em diferentes contextos e gêneros. Essas estratégias ajudam o tradutor a decidir entre adaptar o texto à cultura do leitor ou preservar elementos da cultura de origem, escolhas que impactam diretamente na recepção do texto traduzido.

Ademais, o conhecimento das estratégias descritas por Mona Baker (2001), fundamentadas na Linguística de Corpus, é outro recurso de grande valor para tradutores acadêmicos e técnicos. As pesquisas de Baker não apenas sistematizam práticas consagradas por tradutores experientes, mas também fornecem insights sobre como as escolhas tradutórias afetam a coesão textual, a construção de significados e a experiência do leitor.

Um dos principais resultados da pesquisa foi a constatação de que tradutores com formação em Linguística ou com conhecimentos aprofundados sobre língua e linguagem apresentam maior facilidade para compreender e aplicar estratégias tradutórias de forma eficaz. Essa formação permite que eles reconheçam padrões textuais, analisem a carga semântica de palavras e expressem nuances culturais de maneira precisa. Por exemplo, no contexto de traduções literárias, o domínio dessas estratégias possibilita ao tradutor capturar o tom, o estilo e as características idiossincráticas do autor original, sem comprometer a clareza ou a fluidez do texto na língua de destino.

Outro ponto destacado foi a importância de compreender os contextos discursivos e culturais que envolvem o texto original e o público-alvo da tradução. Como discutido ao longo do artigo, termos culturalmente específicos ou construções sintáticas incomuns, como as encontradas na obra de Tolkien, exigem não apenas criatividade, mas também uma abordagem analítica que leve em conta a relação entre forma e significado.

Embora as implicações desta pesquisa sejam aplicáveis a diferentes tipos de tradução, os resultados reforçam, em especial, a importância dos Estudos da Tradução para o aprimoramento da tradução literária. Essa modalidade, caracterizada por sua complexidade estilística e cultural, exige uma sensibilidade particular para lidar com as nuances da língua original e criar equivalências que preservem tanto o conteúdo quanto a forma.

Além disso, o aprofundamento teórico também é relevante para tradutores técnicos, uma vez que os desafios de terminologia e coesão textual são igualmente influenciados pelas escolhas estratégicas. A compreensão das técnicas de tradução, aliada ao conhecimento linguístico, permite que o tradutor técnico atue com mais eficiência e precisão, mesmo em contextos altamente especializados.

Concluo este trabalho reafirmando que o conhecimento teórico e a reflexão crítica são elementos indispensáveis para o desenvolvimento da habilidade tradutória. Estratégias como as de Baker, combinadas a um entendimento aprofundado sobre os fundamentos linguísticos, oferecem ao tradutor

um repertório rico e variado para enfrentar os desafios da profissão. Assim, acredito que investir nos Estudos da Tradução, seja por meio de formação acadêmica, seja por meio de estudos independentes, é essencial não apenas para aprimorar a prática tradutória, mas também para elevar o status da tradução como um campo interdisciplinar e academicamente relevante.

Por fim, destaco que as discussões apresentadas aqui visam não apenas contribuir para o desenvolvimento de tradutores, mas também incentivar novas pesquisas que aprofundem as relações entre teoria e prática. Ao promover essa interação, podemos não apenas enriquecer a prática tradutória, mas também avançar na consolidação dos Estudos da Tradução como um campo essencial para compreender as dinâmicas linguísticas e culturais em um mundo cada vez mais interconectado.

Notas

¹No original: The designation 'translation studies' would seem to be the most appropriate of all those available in English, in its adoption as the standard term for the discipline as a whole would remove a fair amount of confusion and misunderstanding (Holmes, 2000, p. 175).

²Sempre que possível utilizarei as explicações de Chesterman para melhor definir conceitos, visto que suas explicações são formuladas de forma bastante didática e elucidativa.

³A teoria é inicialmente debatida no livro de Sara Laviosa (2002).

⁴Ao usar a palavra descritiva, em se tratando de Estudos da Tradução, é impossível não se lembrar de Gideon Toury, responsável pelos Descriptive Translation Studies. Trago esse autor como outra fonte para explorar a Tradução como ciência, mas não me aprofundarei nele nem em seus estudos por acreditar que os comentários de Chesterman e Baker são suficientes (embora recomendo a leitura dos textos do autor).

⁵Ao falar "essa função", o autor está se referindo a função poética definida por Jakobson.

⁶No original: Messages from the ivory tower tend not to penetrate as far as the surface. [...] About a decade ago Lars (1990:148), a technical translator in Germany, wrote a damning article about the irrelevance of translation studies. Has anything changed? (Chesterman e Wagner, 2010, p. 01).

⁷No original: Should musicology help musicians or composers to become better musicians or composers? Should literary theory help writers and poets to write better? [...] Should the theories of mechanics and cybernetics help engineers and computers scientists to produce better robots? [...] I myself would be more inclined to answer yes to the last one than to the others (Chesterman e Wagner, 2011, p. 02).

⁸Cf. Chesterman e Wagner 2010, p. 09 -11.

⁹No original: Translation theorists haven't even coined a comprehensible language in which we can talk about translation. Admittedly we do have at least two words, translation and interpreting to refer to the separate activities of translation the written word and interpreting the spoken word. (Chesterman e Wagner, 2010, p. 05, grifos da autora).

¹⁰No original: One of the best contributions translation scholars can make to the work of professional translators is to study and then demonstrate the links between different translations decisions or strategies and the effects that such decisions or strategies seem to have on clients and readers and cultures, both in the past and in the present, under given conditions (Chesterman e Wagner, 2010, p. 05).

¹¹Term base, ou glossário, é um banco de dados que contém palavras ou expressões relacionadas a um assunto específico. Geralmente os termos das term bases são escritos de forma bilíngue.

¹²CAT tools são, literalmente, ferramentas de Tradução Auxiliada por Computador, ou, em inglês, Computer Assisted Translation tools.

¹³No original: how to use dictionaries, how to find and use parallel texts, how to find and use term banks, and so on (Chesterman e Wagner, 2010, p. 57).

¹⁴No original: How to translate metaphors, dialects, allusions, inversions structures, rhetorical questions; when to use loanwords, footnotes, neologisms? (Chesterman e Wagner, 2010, p. 58).

¹⁵Este parágrafo foi desenvolvido a partir das páginas 60 a 63 de CanTheory Help Translators?.

¹⁶Virada cultural, ou cultural turn, em inglês, foi um movimento iniciado na década de 70 do século passado, que focava em debater a cultura na contemporaneidade.

¹⁷O texto a seguir é apenas um recorte do texto original de Baker (2001, p. 26 - 34).

¹⁸No original: more explicit, use more conventional grammar and lexis, and be somehow simpler than either their source texts or other texts in the target language (Baker e Saldanha, 2011, p. 61).

¹⁹Ao usar a palavra intradutibilidade, me refiro ao termo tradutível, de Sobral (2008).

²⁰Wagner (2010) confirma essa afirmação logo no início de sua obra.

²¹Isso é comentado a partir da página 134 do CLG (cf. referências).

²²Saussure usa o termo unidades consecutivas.

²³Outro exemplo seria os tempos verbais que existem em certas línguas, mas em outras não. É o caso do presentperfect, em inglês, ou o pretérito perfectocompuesto, em espanhol. A

forma como cada verbo está conjugado, ou disposto em uma oração, vai alterar seu valor linguístico naquele contexto.

²⁴Conforme Aubert (1998).

²⁵Um exemplo claro disso é a tradução forense. O tradutor que trabalha com textos jurídicos, no Brasil, frequentemente vai ter problemas em encontrar equivalentes ou mesmo compreender a mensagem transmitida. O chamado *juridiquês* é conhecido por ser um estilo marcado por “termos obscuros, estruturas textuais e orais complexas, por vezes desconexas e sem coesão (Frohlich e Gonçalves, 2015, p. 93). Para traduzir isso certamente haverá rearranjos e adaptações, seja para encontrar equivalentes usados no sistema jurídico da língua-alvo, seja para tornar o texto mais fluido.

Referências

AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *Tradterm*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128, jan. 1998.

BAKER, M. *In other words: a coursebook on translation*. London: Routledge, 2001.

BAKER, M; SALDANHA, G. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Abingdon: Routledge, 2011.

BRITTO, P. H. *A tradução literária*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

CHESTERMAN, A; WAGNER, E. *Can Theory Help Translators?: a dialogue between the ivory tower and the wordface*. 2. ed. Nova York: Routledge, 2010.

EAGLETON, T. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FLORES, V. N. *Saussure e a tradução*. Brasília: Editora UnB, 2021.

FRÖHLICH, L; GONÇALVES, M. P. Desafios e competências do tradutor forense no Brasil: uma questão de perícia. In: COULTHARD, Malcolm et al. (org.). *Linguagem & Direito: os eixos temáticos*. Recife: Alidi, 2015.

HOLMES, J. S. The Name the Nature of Translation Studies. In: VENUTI, L. (ed.). *The Translation Studies Reader*. Londres e Nova York: Routledge, 2000.

JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein. 10. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

LAVIOSA, S. *Corpus-based Translation Studies: theory, findings, applications*. Amsterdam: Rodopi, 2002.

SAUSSURE, F. *CLG*. 28. ed. Tradução de Antônio Chelini, *et al.* São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

SOBRAL, A. *Dizer o ‘mesmo’ a outros*. São Paulo: SBS Editora, 2008.